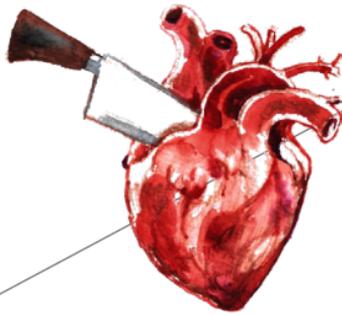


f i s
s u
r a



enadifindis©

f i s
s u
r a

Org. Bianca Ziegler
e Raísa Christina

Projeto gráfico
Bianca Ziegler

Revisão
Isabela Bosi

Ilustrações
Raísa Christina

S729 SOUZA, Bianca Ziegler de. SARAIVA, Raísa Christina Lima
S243 Fissura / Org. Bianca Ziegler e Raísa Christina.
Lisboa: nadifúndio, 2020.
172 p.

ISBN: 978-65-89464-01-3

1. Literatura brasileira I. Título

1a edição
Lisboa
Junho de 2020

Editora nadifúndio
nadifundio.com

f i s s u r a

enadifúndio®

FISSURA foi um projeto realizado pela *Editora Nadifúndio* em parceria com a artista visual Raísa Christina. Abrimos uma convocatória online para o envio de textos que foram selecionados, ilustrados e reunidos nesta publicação, que veio ao mundo no dia dos namorados (pelo menos para nós brasileiros), quando as redes sociais são inundadas por fotos de casais, declarações de amor e dedicatórias capazes de derreter mesmo os corações mais duros. Talvez nem tanto. Talvez ano passado eu estivesse assistindo ao mesmo movimento num tom mais amargurado, quando me encontrava editando mais um livro com poemas escritos a partir de meus corações partidos, mas acontece que o amor é esse fluxo complexo que navega por tantas correntes, leves e ferozes, alegres e melancólicas, esperançosas e desiludidas, muitas vezes ao mesmo tempo. E hoje estou apaixonada.

O amor e a paixão sempre foram temas comuns em nossa produção, fosse em forma de palavras, de imagens ou como uma força motriz em inúmeros projetos de viagens, publicações e playlists de amor. Desde que nos conhecemos, eu e Raísa compartilhamos a beleza de viver esse processo físico-químico que movimenta nossas partículas internas, quando estamos apaixonados,

muitas vezes de forma frenética e desorganizada, e nessa desorganização a possibilidade de um olhar mais reflexivo em direção a nossos desejos e pulsões, de aprender mais sobre nós mesmos e o mundo.

Raisa, em entrevista ao site *heretica.co*, diz algo que costumo visitar quando penso sobre essa força imensa que tem regido desde sempre nossos corpos, projetos de vida, os filmes, as canções e os livros que marcaram nossa história: *O que acho bonito na dinâmica da paixão é que você mergulha muito fundo, se redescobre, altera o outro e é alterada, produz outras vozes (...) você muitas vezes se quebra em mil pedaços, sente-se vulnerável, chega a ponto de se segurar num fiapo de energia, mas sempre pode se reerguer e isso é o que parece me provar o quanto há força nessa entrega aos nossos desejos, que no fundo trata-se de uma entrega a nós mesmas. É inspirador. Então penso que essa “mulher erótica apaixonada” procura, nesses encontros amorosos, estar sempre um pouquinho mais perto de si mesma, alcançar em si algo ainda não conhecido, saber um pouquinho mais quem ela é, do que ela é capaz, alargar fronteiras, inventar um motor de criação.*

Nesse sentido, tenho me acostumado a pensar sobre a dor de um coração partido como um sentimento extremamente potente, porque se algo quebra podemos sonhar novas formas de reconstrução que talvez nunca tivéssemos cogitado, e não é sempre que temos essa chance, de desviar

caminhos, repensar roteiros na invenção de nós e de nossas vidas. Essa situação atípica em que nos encontramos, de vivermos uma pandemia mundial, parece um momento propício para essa investida, enquanto sociedade e também enquanto indivíduos, de repensar modelos de mundo, e também de formas de amor e de amar.

É com muita alegria que reunimos estes textos, de tantas vozes, linguagens, idades, sotaques, como se conversássemos entre amigos tomando um cafezinho nesse espaço onde agora partilhamos histórias doloridas, engraçadas, de saudade e disséssemos depois, nos despedindo com um abraço: *Tamo junto. Vai dar certo.*

Bianca Ziegler

Cilene Lima 17
Aline Kauana Cezar 21
Bárbara Costa Ribeiro 25
Camila Geremía 33
Cezar Tridapalli 36
Diego Gregório 53
Franck Santos 57
Gabriel Aragão 61
Gabriel Mação 65
Glória Diógenes 69
Iêda Carvalhêdo 75
Isabela Bosi 79
Janaína Fellini 83
Jean dos Anjos 87
José Soares Neto 91
Kah Dantas 95
Klausney Muniz 99
Lara Rovere 103
Lara Ferreira Freire 107
Juba 111
Luís Matheus Brito 117
Migu Cordeiro 121
Maria João 125
Mariana Godoy 129
Mathilde Fillat 133
Naiana Gomes 139
Sara Síntique 145
Susy Almeida 151
Virgínia Westin 155
Viviane Amorim 159
Yuri Marrocos 163

À Cilene Lima,
em memória

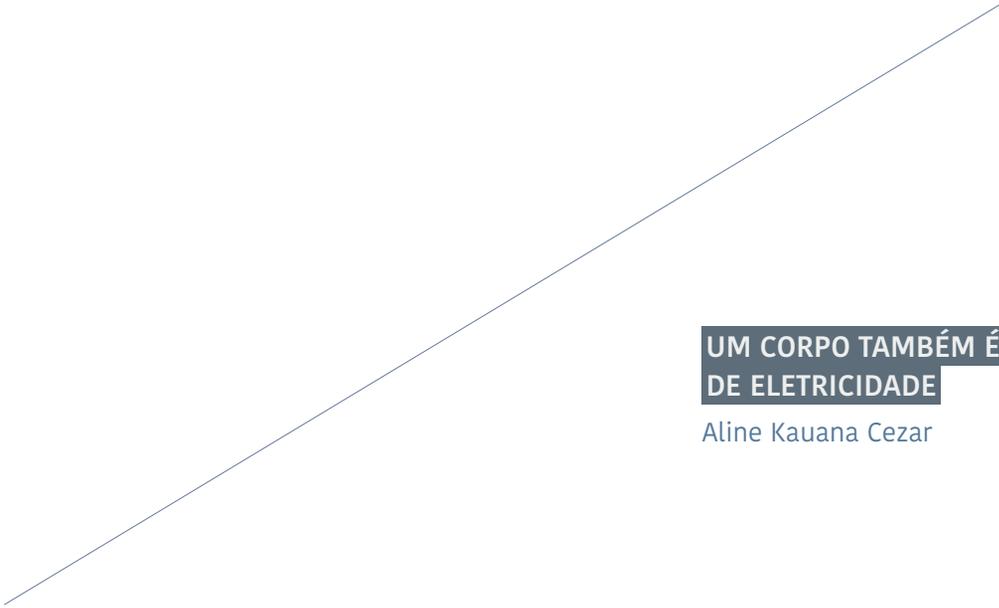


RITUAL

Cilene Lima



Hoje despedi-me do teu beijo
como um hindu despede-se
da flor de lótus no rio Ganges.
Repousei as mãos sobre a água
e vi percorrer por elas uma folha
que atravessou meus dedos devagar.
Vi o pequeno fragmento de árvore
sumir na correnteza.
Imaginei nele todas as cenas da tua boca
e deixei ir embora como parte daquele fluxo
quase vitalício.
Não fosse o ritual
a repetição necessária da despedida,
diria em voz baixa a mim mesma:
“Esqueci-me de ti naquele rio”.



**UM CORPO TAMBÉM É CONDUTOR
DE ELETRICIDADE**

Aline Kauana Cezar



alguns poemas são feitos
para ler em voz alta
t-t-t-t-t
a pressão que a língua faz
contra os dentes
a vibração que o ar faz
no peito
quando entra, quando sai
t-t-tanto faz
não é comando é resposta do corpo
como quando menti que estava bem
e você riu porque sentiu algo tipo corrente elétrica
que você não consegue soltar
não solto não quero você solto
mas se tiver que ser assim coloco os dedos
na tomada
só pra te lembrar



COMO SE SOFRIA EM 2006

Bárbara Costa Ribeiro



Para além dos cemitérios marinhos e da fé nos desesperados, aderi a pouquíssimas mitologias na vida. Mas nutro uma certa superstição fiel: a de ser completamente inapta ao amor. E tenho provas, que vieram cedo. A arte do desastre não é tanto chegarmos a contorná-lo – é simplesmente sabermos que ele virá.

Assim, cedo, no ano de 2006, eu amargava pensativa as amarras da sexta série, ia florescendo apavorada e já tentava amar, e amava um pouco como amam os passarinhos (com arrufo e arrepio), um pouco como amam os peixes (com silêncio e água corrente). Sob o peso daqueles meus doze anos, eu era feia, feinha (mas se até os peixes amam!), sentia muita vergonha da minha aparência e prendia os cabelos religiosamente num rabo de cavalo-marinho severo.

Eu amava um menino. Éramos da mesma sala e ele se chamava Expedito, sincero em toda a sua falta de novidade, mas tremendamente popular. Tinha as pernas marcadas por manchas escuras de uma antiga catapora – o que fazia com que ele fosse imperfeito quase o suficiente para ser meu, mas não imperfeito o bastante para não ser de todo mundo. O meu lado pássaro, um dia, chegou a confessar a Expedito que o amava, menino das pernas marcadas. O lado peixe sofreu: Expedito me disse que não era possível existir qualquer coisa entre nós – ele não me achava bonita. Os dias de abismo, a solidão

do cemitério marinho...

As formas modernas de sofrer estavam distantes, mas já se anunciavam. Eu então passava as minhas noites de dever de casa esperando a programação noturna da rádio local, aquela em que tocava a música do CPM 22, que rodou quase o bastante para tirar todo o sentido da dor, mas não o suficiente para sará-la. Agora, eu concluía, não havia mais desculpas; mas também não havia mais nada que se pudesse entender. Um pássaro feio era um pássaro feio. Que se há de fazer? Lembro que vivi o inferno abissal de amar e sofrer aquelas pernas nos shorts da escola por tempo o bastante para não perceber quase mais nada ao redor.

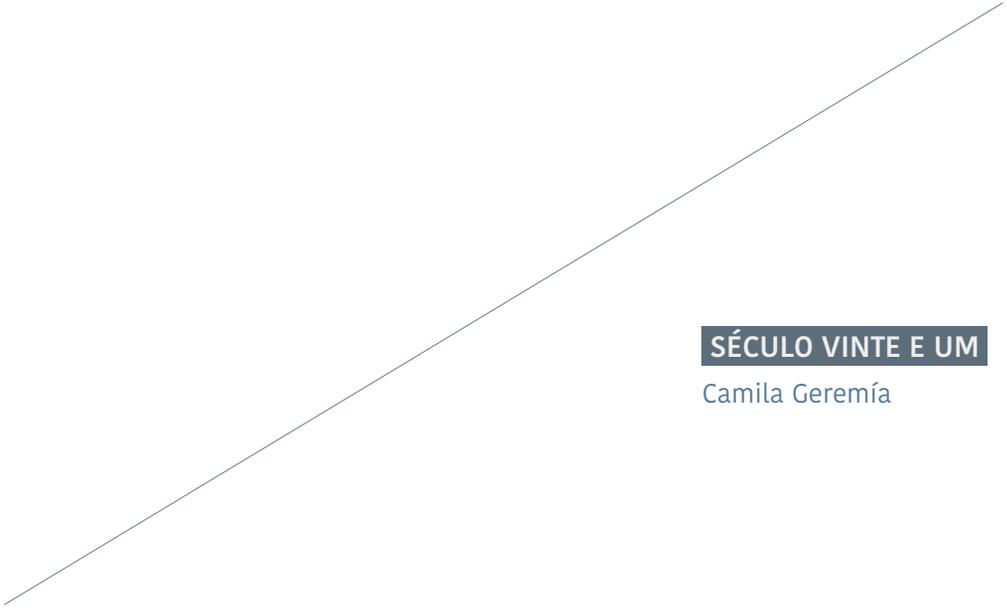
Um dia, na aula de português, um bilhete foi arremessado em meu colo. Abri, nervosa. Eu não conhecia aquela caligrafia – não pertencia a nenhuma das meninas. Era letra de garoto! Era também 12 de junho, e a sala inteira se encontrava em quase discreta polvorosa, porque os meninos tinham dado início a uma espécie de correio do amor, clandestino, longe dos olhos dos professores, que seguiam com suas aulas, e os bilhetes aéreos voavam declarando o desejo de beijar tais e tais garotas (mesmo que a maioria ali nunca tivesse sequer encostado os próprios lábios contra os lábios frios de uma estátua num jardim).

Quanto a meu bilhete, não. Não se tratava de Expedito. Era Jota-Jota. Dizia: “Eu sei que eu não tenho nenhuma chance agora mas depois que eu fizer a operação nas orelhas talvez você vai querer gostar de mim”. Lembro de pensar que havia qualquer coisa errada naquela gramática. Mas não era esse o ponto. O ponto era que Jota-Jota, um do grupo de Expedito – não dos grandes, mas pequeno –, faceiro, magrinho e arruivado, tinha orelhas de abano.

Nunca esqueci aquele bilhete. Mais pelo desconforto que me causou do que pelo afeto contido. Guardei-o por um tempo, no caderno, não muitos dias. Depois, lancei-o fora. Nunca respondi. Não porque Jota-Jota tivesse orelhas de abano. O problema não era esse. O problema era que, sem orelhas, ou com orelhas demais, com dois pares ou três, eu não sentia a mínima vontade de querer gostar dele. E foi aí, justo aí, que percebi não haver como também fazer Expedito gostar de mim. E que nada disso, por fim, importava – não importaria, num mundo de gramáticas e outras coisas importantes.

O mais triste, agora que penso, o mais triste mesmo é que, quando Jota-Jota apareceu, meses depois, com o esparadrapo nas orelhas, evitei-o por completo, e não havia o que me fizesse olhar em sua direção. A confissão de seu afeto me deixara sem paciência, um tanto raivosa,

ressabiada ante a ideia de que houvesse quem no mundo pensasse que amor era uma questão de orelhas, e ligeiramente inspirada por assuntos de gramática, mas era só. Segui com a vida, como nadam os peixes. Muito mais, na verdade, como os próprios cemitérios marinhos e os supersticiosos: absortos demais – completamente inaptos para o amor.

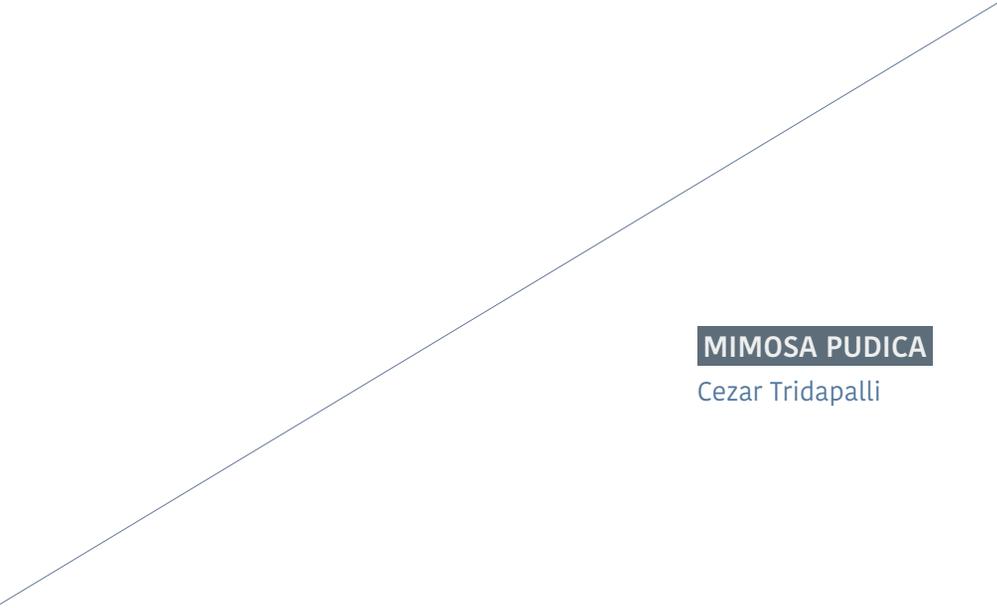


SÉCULO VINTE E UM

Camila Geremía



as visualizações sem resposta
são equivalentes aos caracteres
que aqui escrevo
isolamento obrigatório
em todos os sentidos



MIMOSA PUDICA

Cezar Tridapalli

Foi por causa da enxaqueca que aprendi a flertar com a escuridão. O escuro não permite que sejamos distraídos pelos olhos. Ou traídos pelos olhos, num trocadilho fácil. O que surge do escuro são imagens que não brotam de outro lugar que não seja de uma cabeça momentaneamente sem janelas. Ela, a enxaqueca, também exige silêncio. Dos cinco sentidos, ela é inimiga de quatro: visão, audição, olfato, paladar. Não como nada durante uma crise. Cheiros me engulham o estômago. Os sons altos são bombas de ar que inflam o crânio. Luzes me cegam e agulham as pálpebras.

Os pequenos monstros que me visitam – chamo-os de monstros, embora não os veja direito – não surgiram, portanto, por acaso. Eles chegaram tateando (o tato não é inimigo da enxaqueca) o ambiente obscuro, bateram a canela nos móveis, gritaram de dor, riram da situação inusitada, ai, bati meu dedo, o que é isso aqui no meio da sala? E se instalaram. O que resta a alguém privado dos sentidos são esses seres de memória e imaginação. Uma aponta para trás, a outra pode apontar para a frente, uma frente feita de inexistências e um atrás feito de pedaços emendados por costureiros infieis.

Apaixonei-me por Ana aos vinte e cinco anos. Ela contava dezessete. Lembro-me das mãos adoráveis. Como eu gostava de pegar naquelas mãos. Seria bom para ela pegar nas minhas? Agora, no escuro, agarro minha

própria mão (o tato), mas me perco entre a mão que sente e a que é sentida. Sujeito e objeto a um só tempo. Minhas esperanças eram burras. Eu queria que minhas mãos ásperas alisassem o comportamento áspero de Ana. Asperezas com asperezas fazem nascer o improvável, eu pensava: lixa na parede arisca origina lisuras insuspeitadas (a lixa se desgasta, a parede se alisa). Esse era meu raciocínio e também minha esperança. Porque Ana, apesar das mãos lisas, era uma parede áspera. Um desdém de quem aceitava o flerte por comodidade, por ter preguiça de ter que ir embora. Pescadora que fisga o peixe, mas não o recolhe nem o devora. Falta fome. Deixa-o se debatendo com o anzol escarafunchando as gengivas.

Ela soube até o fim como me manter apaixonado: tratando-me com indiferença, lançando uma ou outra migalha que eu sempre quis entender como carinho.

Fomos morar juntos uma semana depois de meu aniversário de quarenta anos. Fiquei quinze anos apaixonado por Ana até ela resolver morar comigo. Depois, continuei apaixonado. Ela não. Nunca foi, nem antes nem depois. Não houve magnetismo. Fui seu ímã, ela apenas parede fria. E áspera. Eu tentava me agarrar, mas caía o tempo todo. A paixão nasce de um tranco. Um flash. Quando a vi pela primeira vez, a chave dos seus olhos ligou o meu motor. Mas meu olhar não ativou nela

ignição alguma. Até hoje julgo ouvir o barulho de um carro afogado fazendo aquele nhenhém que, agora sei, não iria a lugar nenhum. Essa foi a minha tentativa de fazer seu motor ligar por mim: um inútil nhenhém. Como apertar o botão de um elevador parado, sem energia. Ele jamais vai até você, não importa se você aperta o botão uma ou mil vezes.

Comprei anel, ela achou muito antiquada a atitude. É démodé, disse. Então propus, moderninho vacinado, casar só no civil. Ela deu uma risada e perguntou em que século eu vivia. Segurei pra valer a lágrima que queria descer dos olhos quando entramos pela primeira vez no apartamento que dividiríamos. Comprimi os lábios, fingi um cisco, a lágrima se recolheu, contrariada. Ana acreditou no cisco e quase se ofereceu para soprar meus olhos. Senti mesmo que ela quase se ofereceu. Eu lia o quase como uma manifestação de carinho dela e isso me bastava para ser feliz. Insinuei uma viagem e ela tirou o sarro – uma lua de mel? Mas aceitou ir ver o mar.

Quinze anos apaixonado. E ela se apaixonou em quinze segundos pelo homem sentado no banco da praça, que via o mar.

Não ser apaixonado é condição básica para ser apaixonante. Isso é o que dizem esses seres que habitam meu escuro. Que eu chamo de monstros, repito, sem saber

bem por quê. Parecem ter se acostumado à escuridão e já não esbarram nas coisas com tanta frequência. Conversam de modo confortável, acendem cigarros, tomam café, dão suas risadas.

O homem via o mar. Além do mar, a linha que o divide de um céu. Apesar do olhar perdido, resolvi abordá-lo, dizendo boa tarde, estou perdido, você sabe onde fica a igreja? Ele disse que fazia sentido eu querer rezar porque eu tinha muito a agradecer. Mas disse isso olhando para Ana, e sorrindo para ela. O motor deu a partida, o elevador carregou-se de energia e atendeu o chamado, o sorriso de Ana para o homem que via o mar era diferente da risada que ela dava de mim. A boca não fazia nada muito diferente do costume, distendendo-se, mas os olhos sorriram junto. E nada mais revelador do que olhos sorridentes. A lágrima que contive quando mudamos para o apartamento me perguntou posso sair agora? Eu inspirei fundo, como se sugasse o ar com os olhos, a lágrima novamente tragada pra dentro de mim. Na frente do homem que via o mar, Ana propôs que eu fosse à igreja sozinho. Ela queria outras imensidões. Eles falavam comigo, mas se olhavam entre eles. Vai, José, vai procurar a tua igreja. Vai, José, você precisa mesmo rezar para agradecer. Pus a mão no ombro de Ana, mas minha mão pousou em falso. O ombro dela descia junto com o resto do corpo, que se sentava no banco.



Os costureiros infiéis da memória e a imaginação que projeta inexistências (ou: os seres que habitam meu escuro e conversam na sala de estar e ser da minha cabeça) me sugerem reconstruir o outrora agora. Ana, dê licença, deixa eu olhar o homem sentado no banco, me deixa observá-lo longamente, ver detalhes, os cabelos grossos e lisos, como o nariz se encaixa no rosto, qual o desenho da boca, se as orelhas são simétricas, a barba sem redemoinhos, de que modo o pescoço sustenta a cabeça, como o ar vibra nas cordas vocais, se trejeitos com as sobrancelhas, um maxilar protuberante, o que tem ele que faz você soltar esse sorriso de rosto inteiro, despenteado e chacoalhante. Homem do banco, fale comigo, quinze anos contra quinze segundos. Olhe pra mim e diga se meus cabelos não são mais bem cuidados que os seus, se meu nariz não harmoniza melhor com a minha boca. Está vendo esse pomo de Adão? É ou não é mais viril? Minha voz é mais aveludada que a sua.

(Quando adolescente, esforcei-me por parecer fracassado para fazer um amigo sobressair. Fiquei feliz por alimentar nele a mesquinharia. Ele ficava bem por me ver menor e poder me pisar. É ou não uma atitude nobre?)

Puxei Ana pelo braço e a levei para o hotel, em frente à praça do banco e do mar. Depois pedi desculpas. À noite, disse que precisava passear sozinha. Da varanda, o escuro ampliou-me as imagens. Vaivéns de vultos, casais

indistintos, qualquer um poderia ser Ana e o homem do banco da praça do mar. Todos eram Ana e o homem do banco da praça do mar. Os beijos molhados à luz amarelada e frágil da praça eram de Ana. À sombra das luzes, na rua paralela, Ana também se deixava agarrar. No outro canto da praça, Ana era quem agarrava com força nunca vista. Enquanto eu observava a oitava Ana da noite, ela entrou pela porta do quarto, tirou a roupa e me esperou. O escuro a esconder o olhar e a tornar imagináveis todos os olhares. A dúvida de mil torturas, de tanto doer, amorteceu.

Homem do banco, como tornar-me outro? Eu precisava tornar-me outro para merecer uma Ana inteira, sem metades nem metades de metades, migalhas. Eu precisava me apagar, começar de novo meu jeito de ser visto pelo olhar viciado de Ana, que só enxergava em mim o rosto de sorriso suplicante, a mão áspera querendo alisá-la sem jeito.

No dia seguinte, fiz semblante sério e decidi falar com firmeza. Esperei-a para o café e as palavras já estavam prontas para sair, duronas, Ana, cansei desse lugar, vou embora. Ensaiei inspirado em ator de novela, em galã. Antes de dizer o Ana, porém, a lágrima de sempre, aquela tantas vezes recolhida, impediu qualquer voz, tornou-a sua refém, estrangulou a garganta e só deixou sair o silêncio. Cansei desse lugar, vou embora, foi Ana quem

disse.

Voltamos para a cidade. Mas ela trouxe uma lembrança perene da praia. Na noite das muitas Anas, ela engravidou. Duas vezes retornamos para ver o mar, ela pedira, e dava seus passeios pela praça à noite enquanto eu, da varanda, via meus monstros povoados o escuro.

Algumas vezes vomitou nas minhas mãos em concha. Outras vezes grudava a concha aos ouvidos para evocar o barulho das ondas. Enjoava como se estivesse em alto-mar. Mas estava em terra firme, e talvez isso a nauseasse. Minhas perguntas sempre covardes. Você está bem, quer alguma coisa, um travesseiro a mais nas costas? As perguntas corajosas sob a toaia da lágrima contida e ameaçadora. As perguntas corajosas tinham medo.

Enquanto a barriga crescia, vi Ana desaparecendo. Em plena luz do dia e sem enxaquecas, ia fechando as janelinhas e se recolhendo dentro de si. Com a frágil ponte entre nós ainda mais enfraquecida, rompeu-se a corda. Viramos pedaços de ponte sem ligação. Ou lagos, sem rios. Fluxos interrompidos. Poças que não se comunicam e vão secando. Demos até de falar sozinhos. Eu era atacado por crises de enxaqueca e me entocava no quarto escuro. Ana não se mexia muito, dava um pequeno espaço na cama e permanecia lá, a barriga crescendo, ela diminuindo. Lado a lado, ouvia seus sussurros consigo mesma enquanto eu

ruminava minhas próprias incompreensões.

Mas não estávamos loucos. Não se tratava do caso de alguém arrombar a porta do quarto com duas camisas de força, injeções ou choques. Qualquer eventual visita que aparecesse, levantávamo-nos, oferecíamos um café, um cigarro, ríamos um pouco sobre as coisas que nos prendiam à vida.

A enxaqueca não é inimiga do tato, repito. Sinto o menino aqui comigo, deitado de lado, ressonando já há mais de uma hora. Sua cabeça está aninhada na minha axila esquerda, meu braço e tórax servindo de guarida. Minha mão direita percorre seu corpinho de dois anos. Tateio seus pés descalços, aperto-os com gosto e carinho. Toda a palma da mão atenta, sensível ao contato, buscando a máxima área de toque. Vou subindo até tocar sua bundinha redonda já livre das fraldas, toda a barriga e peito crescendo e não mais cabendo no diâmetro da minha mão que, quente, passeia agora pelo seu rosto, bochechas. Tudo é muito delicado.

Tenho um metro e noventa e seis. A altura disfarça minha silhueta rechonchuda. Se eu encolhesse mantendo a proporção das medidas atuais, seria um bebê perfeito, bonito e engraçado.

No escuro, os monstros me ditam a imagem: que tamanho

deveria ter um ser que envolvesse meu corpo de adulto em seus braços da mesma forma como abraço os noventa centímetros de meu menino? Estampa-se então na câmara escura um ser imenso a me acocar em sua axila esquerda, circum-navegando-me. Quanto ele mede? Três metros, três metros e meio? Quatro? Meus pés sentem a palma de uma mão enorme envolvendo-os e apertando-os com força e carinho. Essa mão gigantesca e vigorosa sobe pelo meu corpo, me arrepia, passa por entre as coxas, bate de leve e acaricia minha bunda. Carinho, só carícia, sem malícia, só delícia, a mão continua seu passeio enternecido, dedos descomunais em torno de meu queixo e pescoço, bochechas rutilantes tocadas por essas mãos em concha, oceano de pele, unhas e ossos abrindo picadas entre meus cabelos.

A mão gigante não é predadora, mas seu toque me encolhe. Mais trocadilhos fáceis: me escolhe, colhe, recolhe, me acolhe. Meu corpo é a planta dormideira, a mimosa pudica.

Encolhimento não é fuga, é aconchego de feto em útero.

Quanto a Ana: transfundiu-se no menino. Vida que se foi aos poucos passando de um corpo a outro. É da norma termos um filho e ensinarmos a ele algumas coisas sobre o mundo antes de morreremos. Veja, meu filho, eis alguns caminhos possíveis, agora me vou, adeus. Mas

Ana preferiu não esperar, preferiu passar-lhe o bastão da corrida sem instruções. Vai, meu filho, segue você porque eu cansei. Morreu quando ele nasceu. Não sei com que requintes de exatidão, mas assim foi. É bonito pensar que foi o último sopro de Ana que insuflou os pulmões do menino. O último gemido deu a ele a voz.

Ana sempre foi meu labirinto. Sem João nem Maria, na floresta em que me perdi as migalhas jogadas pelo caminho serviram para me desorientar mais. Pena não terem surgido passarinhos para sumir com as migalhas atiradas ao chão. Eu poderia ter me achado. Poderia ter erguido o olhar e visto adiante. A cabeça baixa, porém, sempre foi meu vício.

É que o caos tem seus métodos. Ele desarruma e propõe na desordem. Mas não sei ler desordens. Se estou aqui junto ao menino e ao ser imenso – que me encobre com as mãos em concha – cerzindo um passado aos pedaços mergulhado na infidelidade da memória, à frente tenho um futuro inexistente, página em branco prometendo um devir escuro. A imaginação não consegue projetar. Um dos monstros talvez tenha cochilado, não me sugere nada, não me dá pistas sobre que caminhos preciso desenhar no compasso do tempo.

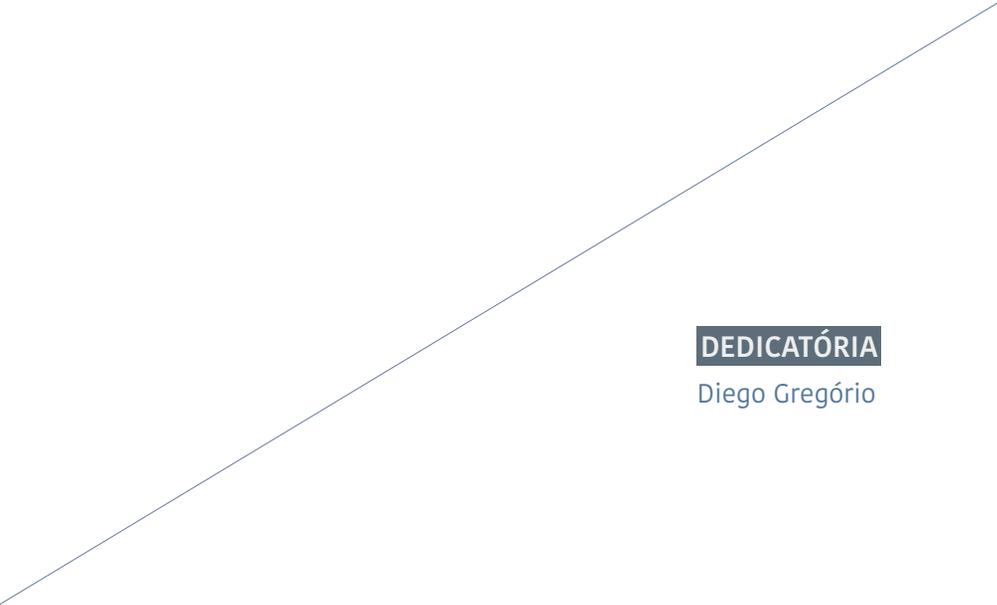
O menino acorda, eu desperto. Também o ser imenso que me impunha as mãos com a força de dez touros. Acariciamo-

nos, eu ao menino, o gigante a mim. Encolhemo-nos, o menino e eu. Daqui a pouco, os sentidos todos voltarão a funcionar e eles vão me distrair. Alegro-me. Preciso ser distraído, beber as cores do mundo e ouvir o rosto do menino descabelado e sonolento. O gigante sumirá e talvez não volte mais à minha lembrança, ou talvez retorne apenas como um resíduo distante da memória. Rirei dessa imagem criada durante o tempo em que os sentidos ficaram desmaiados. Onde já se viu? O que o torpor é capaz de produzir, conversarão os sentidos entre si, de volta ao controle. A culpa é da enxaqueca, dirão eles enquanto, abismados, expulsam os seres que haviam tomado posse da sala escura. Saiam pra lá, malucos. Hora de abrir as janelas, deixar a casa arejada, limpar os cinzeiros, espanar poeiras, colocar a consciência no sol, pendurar as lágrimas no varal.

O fim da enxaqueca vai me dar fome. Também eles devem estar famintos – quanto não deve comer esse sujeito de quatro metros? Mas ele, daqui a pouco, vai sumir. Sim, ele vai sumir, não me dará despesas de nenhuma ordem, nem desordens. Restaremos somente nós dois, meu menino. Tua mãe, os monstrinhos, o gigante, eles serão apenas seres longínquos abafados pela força colorida e violenta da vida que entrará pelas nossas portas e janelas escancaradas.

Sorriremos de verdade, com pipoca e macacos no

zoológico. Você pegará na minha mão, ela me parecerá gigante. Mas não vou me encolher. As inexistências que nos perdoem.



DEDICATÓRIA

Diego Gregório



Tenho me dedicado a gostar bem menos de ti. Logo de ti.

Se o dia é muito bom e o céu está limpíssimo, eu rego as minhas plantas desfazendo lembranças de encontros passados e sorrio com a confusão matemática do formigueiro.

Se ao contrário, ele é ruim, no lugar de automaticamente pensar em um abraço teu, eu digo “sim” a um amigo animado ou troco informações secretas com um estranho completo.

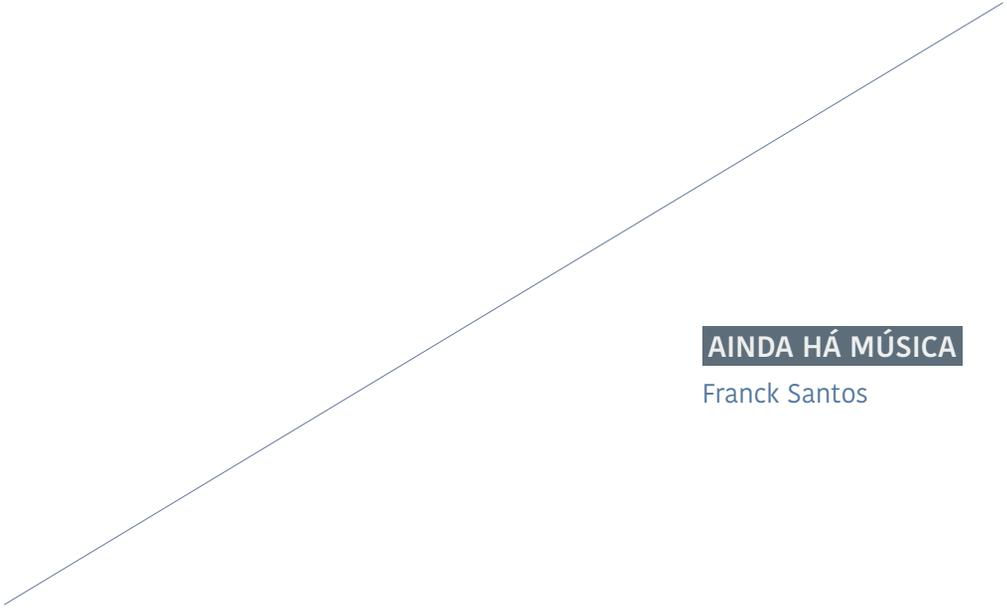
Sou mesmo capaz de gostar menos de ti, acredita!

Quando em volta pra casa, passando pelas pessoas do “boa tarde”, respondo de volta e é suficiente, não me falta notícia tua.

Já em casa, se há um pacote semi aberto no sofá, quando penso que sinto saudade, posso me distrair descobrindo que surpresas me foram enviadas, logo, não penso em mais nada.

É muito interessante o passar das horas, quando chega às 19, sou capaz de afirmar: não te preocupes, só gosto de ti um tanto.

E quando vieres, fica tranquilo, já não gosto quase nada.



AINDA HÁ MÚSICA

Franck Santos



(Para ler ouvindo Edith Piaf)

Durante uma semana rimos na mesma cama. Dormimos na mesma cama. Durante uma semana ele me fez acreditar que era o francês mais nordestino que eu conhecia com sua leveza de alma. No vento dos seus cabelos. No verde dos seus olhos. Com nossos momentos em preto e branco.

Durante uma semana ficamos acordados na mesma cama e ele me disse ser filho de um pássaro quando enterrei os dedos nos cabelos dele e foi como se encontrasse peixes. A Torre Eiffel. O rio Sena. Labirintos.

Durante uma semana tivemos tempo para cachaça e vinho e amigos e música alta. Os girassóis secaram. Os grãos, todos, viraram pães e massas e tortas. Durante uma semana ele foi uma caixinha de ferro antiga de uma feira de antiguidade qualquer onde guardei segredos, poemas, fósseis e marcas.

Durante uma semana ele foi um encaixe perfeito na minha cama com nossos amores se formando e sua paisagem humana delirante. Não sei quanto tempo depois ele é como um barulho que foi sumindo ao longe e não se sabe precisar o momento exato em que deixei de escutá-lo.

Mas ainda há música.



EX

Gabriel Aragão



Nosso beijo foi
patrimônio público,
de tão quente e anti-
pudico, arrastou eu te
amo, calcinha, arame
farpado, pisoteou sem
respeito meu sagrado
tatame, engoliu farra
e fome, abrupto e
sem desmame,
nosso beijo
causou um
tsuna-
mi.



AMARELO GRINDR

Gabriel Mação



Quando azeda o sexo
Já apodrecido
Meu corpo mastigado
Em teu intestino
Caminha gasto pelas ruas
Atrás de sombras
E tuas sobras
Como ossos de galinha
Que engasgam e perfuram a garganta
Amarrados um no outro
Como camisinhas usadas
Jogam-se aos vira-latas famintos
Que habitam sob a pele
Teu pau gozando
Tua boca engordurada
Digerindo as coxas
Teus olhos distantes
Avistando outra presa
Com pressa devora a carne
Teu cardápio
Amarelo Grindr
Refeição na mesa
Caçador e caça
Sereia do píer
Atrás da cauda da baleia
Tua máscara de quem amava
Não esconde o rosto
De quem quer apenas
Dormir de barriga cheia



STORMS

Glória Diógenes



Você volta. O amor é um mantra. Você sempre volta. Lembra quando te vi no Café Ritz? Um lápis escuro tracejava teus olhos pequenos. Você havia acabado de descer do palco. Acho lindo homem que toca baixo. Dançamos uma canção de Elvis. Eu sussurrava no teu ouvido: *when the storms of life are raging, stand by me*. Roçava meu rosto nos teus cachos que refletiam luz. Sem pressa. É do desejo fazer durar. Que mal havia? Tínhamos 13 anos cada um e só queríamos suspender a madrugada insólita da passagem para o século.

Havia ainda o abismo dos 20 anos que nos separam. Entre nós é sempre fusão e longitude, o dissolver-se entre cheiros e o açodamento do olhar a imaginar rotas de fuga. Eu ria ao teu lado. E talvez fosse esse teu fetiche, um jeito de encenar o improvável. Você vestia minhas saias e brincava dizendo que era um macaquinho. Pulava, pulava, agachado, levantava a veste, sem nada por baixo, até roubar meu riso mais bobo. Vez por outra, imitava uma voz estranha e dizia ter incorporado uma entidade, sofisticava o personagem, até eu me arrepiar de medo e implorar pra você voltar. Foi sempre assim.

Rimbaud escreveu algo em nossa direção “era tão forte que podia ser doce”. Podia. Mas, não. O número 20 é um sinal. Nesses tempos de isolamento, você veio. Me disse com a cara deslavada – *eu nunca fui embora da minha terra, porque minha terra não é feita de chão, é feita de ar, e o ar*

tem a tua forma. Onde eu respiro, te respiro. De um ponto do mapa situado ao Sul, o whatsapp me traz tua imagem no vídeo, tocando e cantando ao piano – *love is real, real is love.* Só pude na hora pensar, sacanagem!

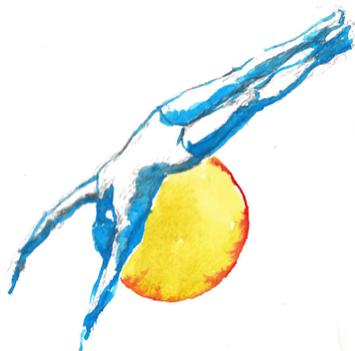
Das tantas idas e voltas, em quase vinte anos, quando deitas sobre mim, me vejo. Acho que o amor é um reconhecimento corporal. Um relicário de si. Na última canção, de cabelos revoltos, costeletas compridas, cavanhaque traspassando o queixo, agasalhado para o frio de sul, de olhos vidrados em minha direção, ouvi *you want her, you need her, and yet you don't believe her, when she says her love is dead, you think she needs you.* As lágrimas desceram desse lugar onde estamos sós, tão sós. Escutei, no compasso da canção, ele não me deixa ir. Tentando camuflar o que é raro, te disse – homem, deixa de ser bonito. Sai dali como quem foge sem dar a mínima. Fiz ecoar em silêncio o mantra, você volta, sempre volta. E me faz sofrer.

Entre meus dedos continua a escoar esse líquido informe que somos nós dois. Sei que não há onde eu possa me abrigar. Não estarei imune. Ontem, pra completar, você me disse que pegaria um avião, quando tudo estivesse seguro, e viria me ver. Seguro? Bebi uma taça cheia de papa-figos e entoei um não. Na minha cara estava escrito vem. O sim, volta, sempre. O vinho me faz ser sincera.

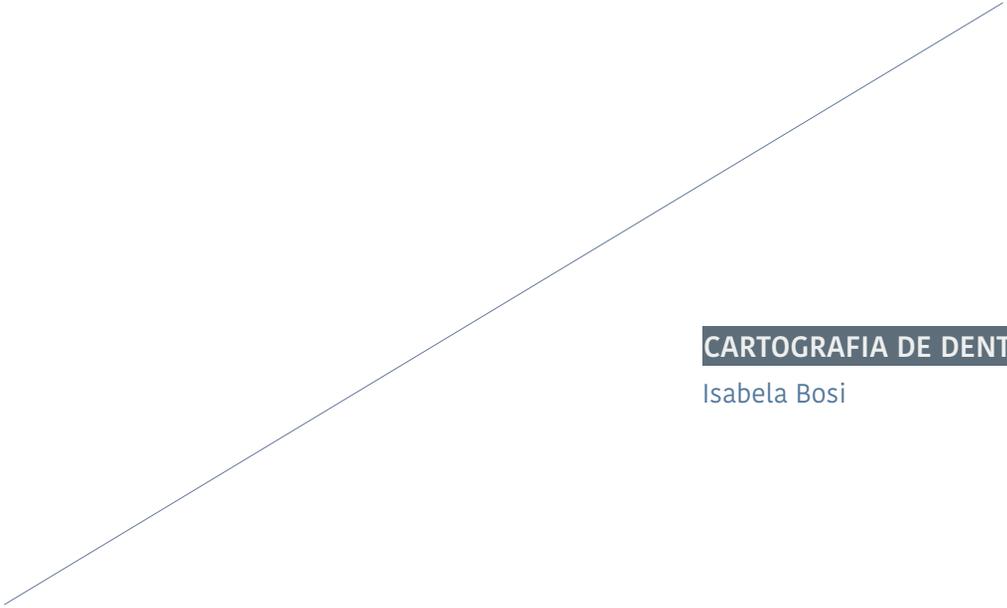


ESTREIA ACIDENTADA

lêda Carvalhêdo



Menarca
Hotel Remanso
Alexandre, ai, Alexandre
Garoto dourado à beira da piscina
Eu olhava, olhava e olhava
Ele só nadava
Não mergulhou os olhos em mim nenhuma vez
Do primeiro machucado de amor não se esquece



CARTOGRAFIA DE DENTRO

Isabela Bosi



I
sua voz ecoa
onde nada mais parece
existir

II
imagino você voltar
pela porta da frente:
erramos,
meu amor,
porque é assim mesmo,
erra-se

III
metade de meus cabelos
não te conhece

IV
num silêncio necessário
você me fez ruína



**O MENOR CONTO DE DESAMOR
DO MUNDO**

Janaína Fellini



EU: Paulo, essa mensagem não tem nenhum assunto. Tentei vários. Nenhum era verdade. Me chama pra um café?

PAULO: ahahahahah
Adoro!

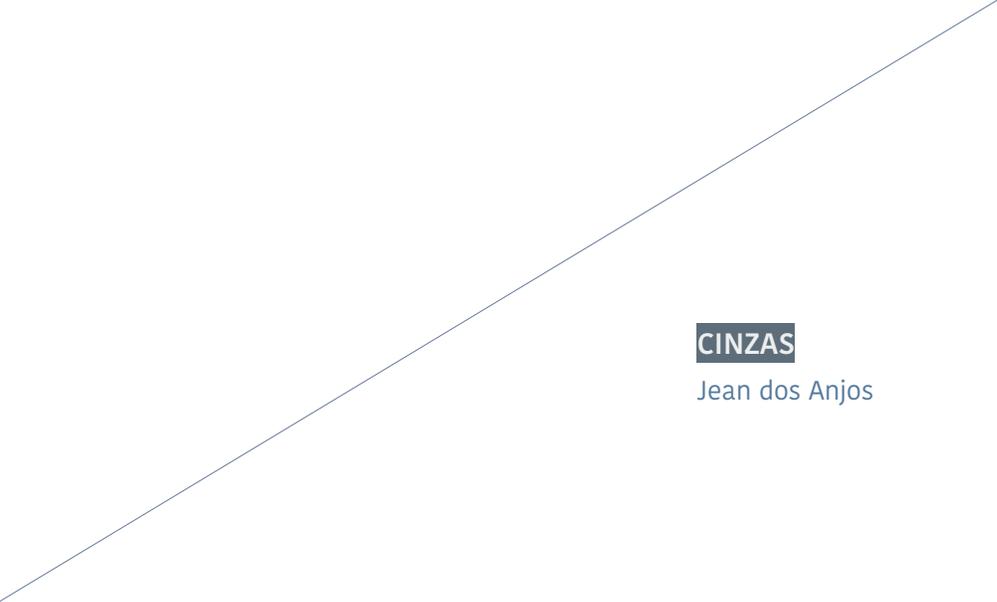
EU: Depois dos 30, além de sono na balada, a gente começa a dizer verdades

PAULO: Essa semana eu não posso, mas semana que vem eu te chamo.

EU: Não tenho a menor pressa.

PAULO: Já eu tô ansioso.

E nunca mais falou comigo.



CINZAS

Jean dos Anjos



Na livraria...
Passa tanto tempo.

Depois, o café.
E um convite afoito.
O mar.
Você diz:
“Confuso.”
Eu digo:
“Vamos!”
Você:
Silêncio.

Incendeio.

Insisto.
Você se aproxima.
Eu digo:
“Vem!”
Você diz:
“Ir embora.”
Adoeço.
O fogo não passa.
Você não passa.
Eu digo:
“Aparece.”
Você:
Sumir.
E agora...

Cinzas.



ROTA DE COLISÃO

José Soares Neto



I

da última vez
 que nos vimos
iniciamos a matemática
 diminuindo espaços
e
 aprendemos a dividir:
o satélite desse moinho
 chamado terra;
o lado da cama;
e, o silêncio -
 algo que não grita
 ou
 que se espalha retraído

II

o rio seca
a estação passa
depois de você
as nuvens que sustento
estão alteradas
a vida escorre feito água

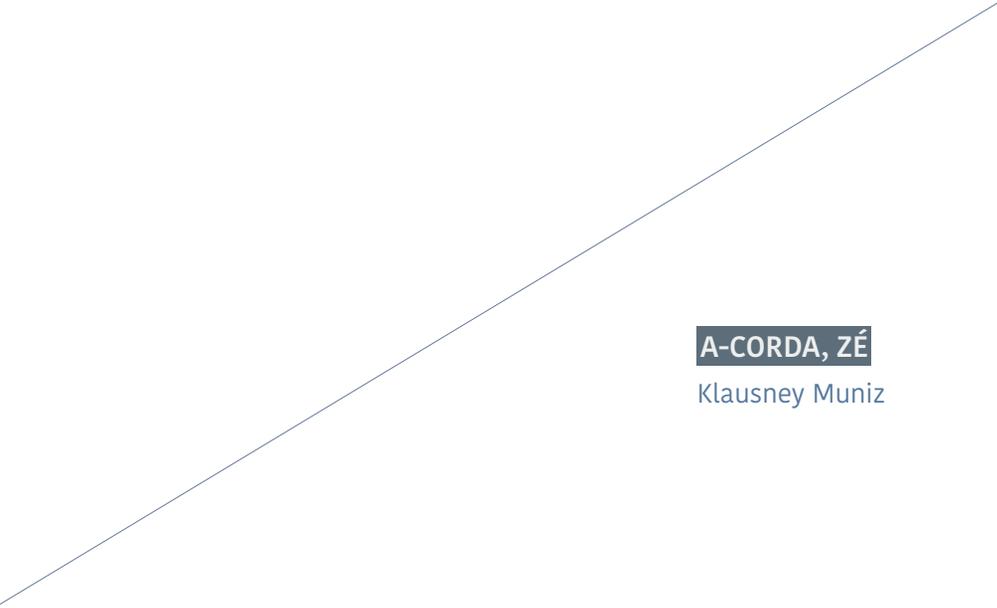


**THE COWARD AND
THE DECEITFUL WOMAN**

Kah Dantas



Na quinta, você quis me ver nua, porque eu era sua.
Na sexta, você me odiou, porque eu tinha sido de outros.
No sábado, você disse que eu não tinha vergonha na cara.
No domingo, você mudou de ideia e disse que estava comigo.
Na segunda, você não disse coisa alguma.
Mas na terça, você me chamou de meu amor.
E não durou.
Na quarta, você disse que eu era um peso.
Então eu fui embora.
E você foi Otelo.



A-CORDA, ZÉ

Klausney Muniz



Elisa me chamou pra brincar de faz de conta,
Mandava eu fechar os olhos,
Contar de um até três,
Depois imaginar que a gente era amigo de verdade.

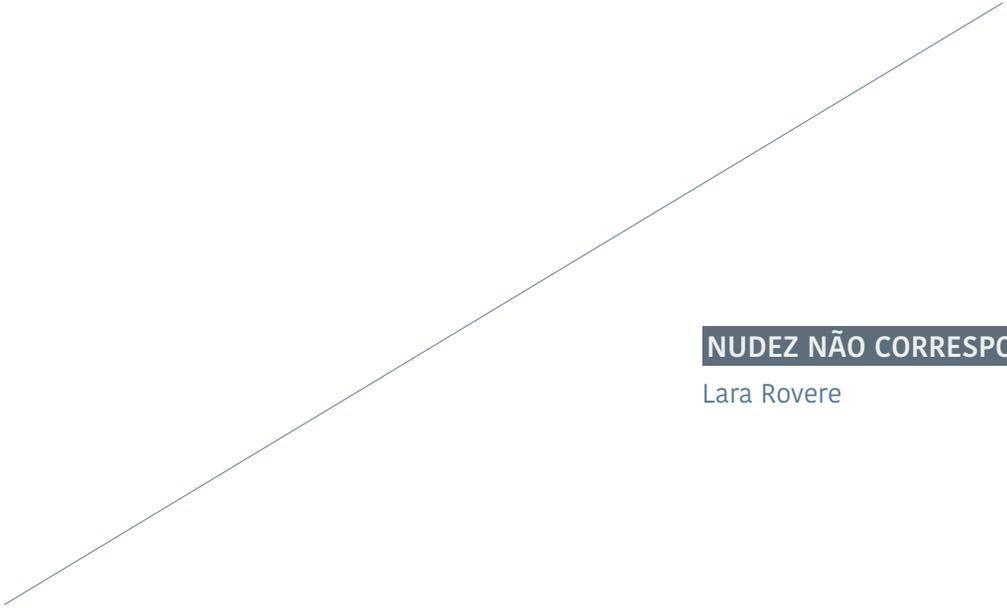
Elisa ficou de verdade.
Convidou-me para uma nova rodada de faz de conta,
Mandou eu fechar os olhos,
Contar de um até quatro,
Depois imaginar que a gente namorava.

Elisa virou namorada, amante, noiva.
Prometeu que a gente ia brincar disso até que a morte
nos separasse.
Mandou eu fechar os olhos,
Contar de um até dez,
Depois imaginar que ela ia embora.

Mas já?
Elisa disse que uma vida inteira dura pouco.
Mandou eu fechar os olhos,
Eu não quis,
Ela insistiu, senão ia virar um faz de conta.

Obedeci.
Elisa sussurrou a mesma frase de sempre
Faz de conta que... a corda, Zé, a-corda!
Contei de um até... agora não lembro mais.
Abri os olhos. Elisa se foi.

Continuo contando... mas agora a droga dessa corda no
meu pescoço não quebra.



NUDEZ NÃO CORRESPONDIDA

Lara Rovere

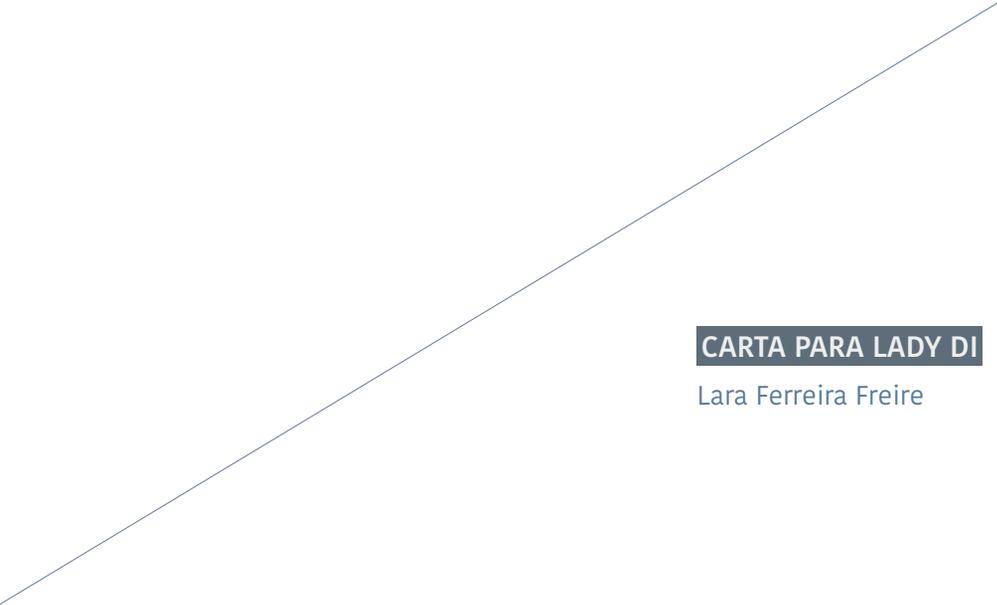


Nua, sem os filtros e o carão que atraí carinhas vazios.
Inteiramente tua.

Tu, com aquele ar meio blasé, citando autores que eu não
conhecia, entre romance e poesia.

Sou cronista! - falei, assumindo que sou mulher
comprometida, afeita aos pequenos afetos.

Teu silêncio disse tudo. Não estavas disposto a me ler.
Achava a vida real um tédio

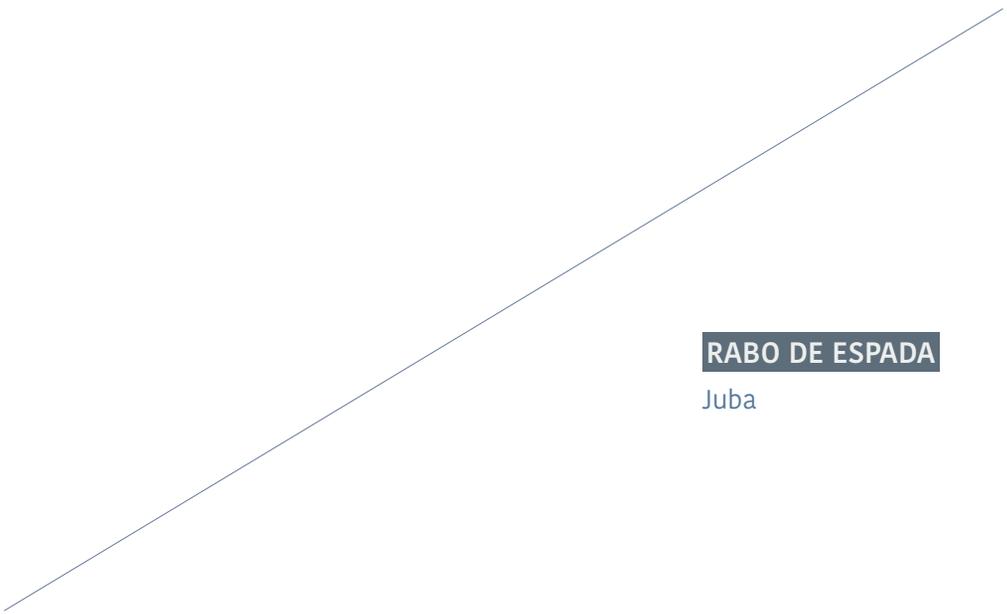


CARTA PARA LADY DI

Lara Ferreira Freire



diana, também esperei que ela me ligasse
nunca me senti tão viva
mas perco peso todo dia
e ainda não me sinto vazia dela
disse adeus seja feliz querendo dizer *ne me quitte pas*



RABO DE ESPADA

Juba



Foi pra marcar minha família de sangue, fiz uma ave, meu amigo refez o desenho que eu não entendia tão bem. As pontas feitas em lanças, penduradas por fios muito finos. A ponta do bico apontando para um infinito céu estrelado. Como Quintana. Como um cenário já visitado.

Aquela marca marcou também quem a viu, um desejo tácito por ter, ou ser parte daquilo. Fui eu, ali, parte de algo que estava para além de mim. Eu fui ali o imaginário. Receptáculo. Relicário. Santuário de um amor que não seria correspondido. Mas tal qual os fios do rabo do pássaro se enlilharam a bordar um afeto passado. Moído. Doído. Quase como penitência.

Aquela marca que marcava a minha dor representou pra ela um desejo por ter, antes de saber. E soube de mim por muito tempo, antes de rodar a minha gira comigo.

Foi perto do meu “retorno de saturno”, quando retornei para a casa da família com uma alegria de viver imensa (só agora atentei pra as coincidências desses retornos).

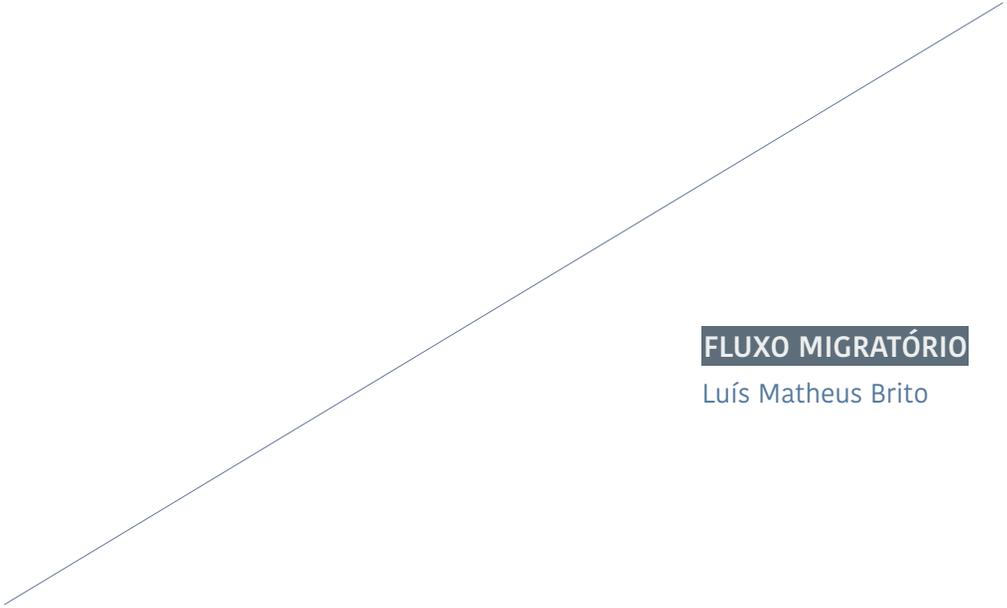
Eu usava cabelos curtos e um anel que parecia aqueles de chiclete da infância. Um coração pequeno e vermelho que carregava no dedo mindinho. Meu medo de amar era do tamanho daquele anel. Gostava de um “menino” que jogava enquanto eu sentia, a insegurança era dele e não minha. Na confusão me tornei arredia. Eu tinha vontade

de abraçar o mundo com pernas e braços.

O céu ali no retrato era um porto desarmado. Nunca tive, nem me propôs a ter muito. Sempre viajei com o que dava (no dia dele almoçei um sanduíche e levamos lanche para a praia).

A convivência próxima e atada “determinava” quase tudo sobre o nada (veja bem, cabe muita coisa quando não existe nada). Ela sempre à frente e decidia, eu só caminhava. Quando decidia por outro caminho ela ficava desolada. Mas eu sempre ia. Era posse, e não era nada, nada além do que era capaz de doar, era o que em mim transbordava.

Pouco tempo depois viramos esse quase nada. Tudo muda, tudo câmbia, mesmo as nuvens densas que parecem paradas também correm para o calor e precipitam, transbordam parte da água que carregam. Quando não estão visíveis, estão planejando como gases que se aglomeram e de novo viram água. A existência delas também é cíclica, mas nunca água parada.



FLUXO MIGRATÓRIO

Luís Matheus Brito



V. S. foi para São Paulo, me disse
há um ano.
Nunca mais nos vimos.

A. M., em breve, viaja para o Paraná,
mas prometeu uma volta
em julho.

J. R. não sabe quando vai para
Alagoas, a terra de A. M.

(Até agora,
aquele não salvou meu número).

R. B. desapareceu,
apesar da combinação perfeita
de sobrenomes.

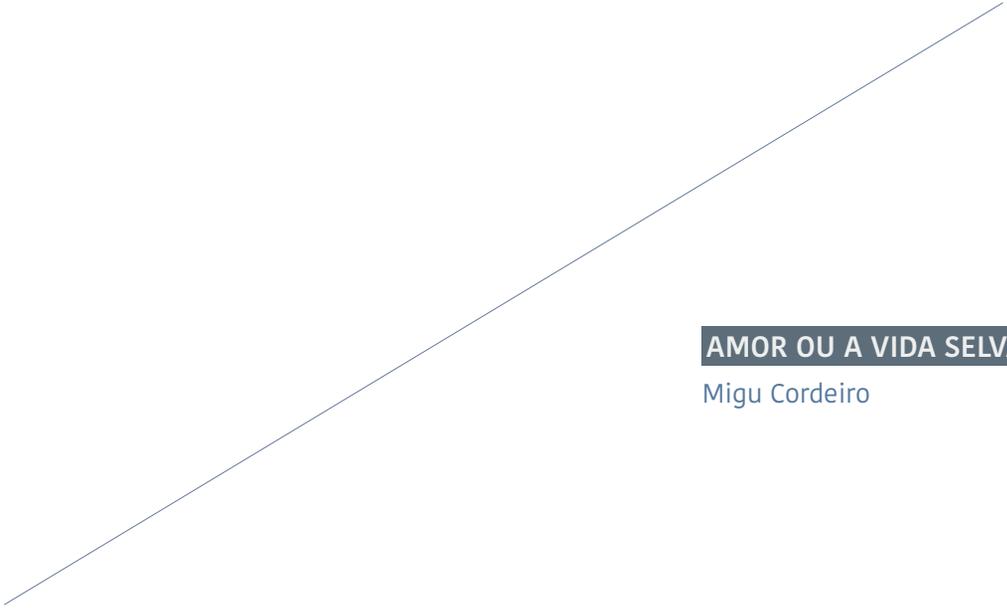
T., do qual só sei o apelido,
está no mesmo lugar.

A. J. só mudou de rua.

R. M., entretanto, não sabe
que latejo por ele.

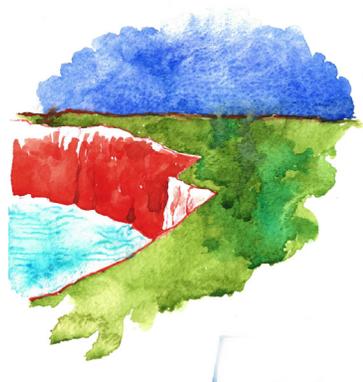
L., por quem continuo pederasta,
é novo demais para emigrar.

Eu sou antipodal.



AMOR OU A VIDA SELVAGEM

Migu Cordeiro



É como ser doente crónico daquela doença que faz com que as pessoas sejam insensíveis à dor e descobrir depois de saltar de um penhasco que não se é doente crónico dessa doença.



ONTEM, NÃO

Maria João



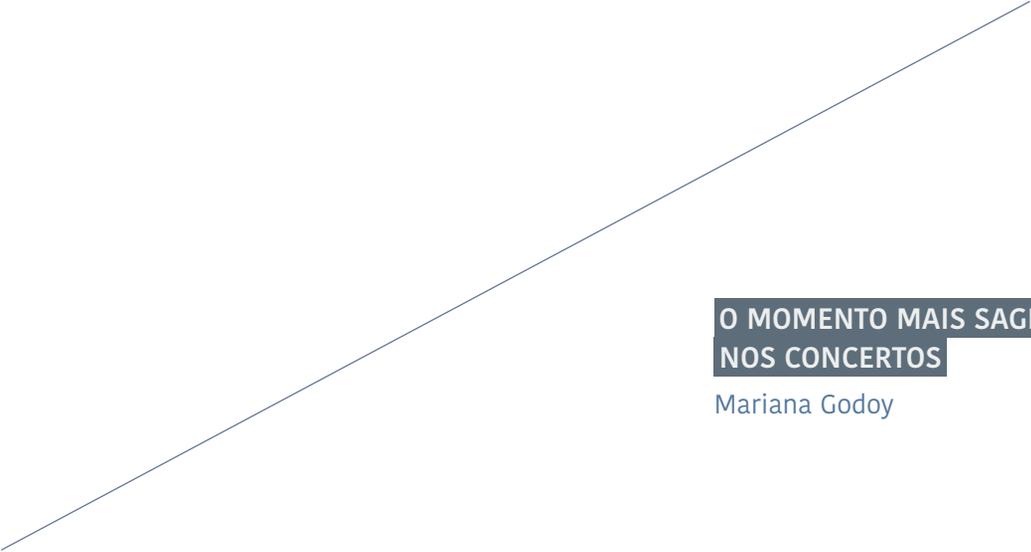
Oito e trinta e dois e o sol não está do lado certo da cama. Achei que tinha deixado a noite de ontem na sala, mas ainda passa em loop, como um filme, na minha cabeça. Naquele canto estranho que inventámos no meu sofá, falou-me muito... acabo de me aperceber que terá sido a única vez que falou de mim. Filho da puta. Rebobino. Confere, foram oito meses a olhar para as agonias e nódoas negras dele e nem me dei conta.

Mas ontem não. Ontem eu era carinhosa, a primeira a ser assim com ele há tanto tempo, a mãe ia adorar-me, precisava de deitar-se comigo, implorou. Imagina, vamos ler dias inteiros, vai visitar-me ao Porto a toda a hora, talvez se mude para lá, vamos cozinhar, fazer amor, adormecer depois, passar o dia na cama. Aquela música que está a escrever?, vai ser sobre mim, vê só...

E eu sem ar, só de pensar. É o que eu quero. É exactamente aquilo que ele deveria dizer e a falta de ar de ontem não me deixou perceber que até este teatro desesperado que me mata a fome é parte da narrativa dele. Tudo o que escreve é na primeira pessoa no singular. Há figurantes, claro, há peitos e coxas onde se encosta e beija, mas o personagem é um, sem vontade de ser dois.

Eu li os livros e vi os filmes. Sei que o figurante vai hesitar e voltar atrás em não sei quantos momentos até ao ponto em que descola do personagem. Vai perdendo camadas e ganhando uma forma nova nesse caminho, no fim acaba por ser bom, eu li isso. Já sei também que não posso querer quem não me quer.

Acho só que vou ter de repetir isso mais um par de vezes. Hoje ainda se deitou do meu lado da cama, e eu deixei.

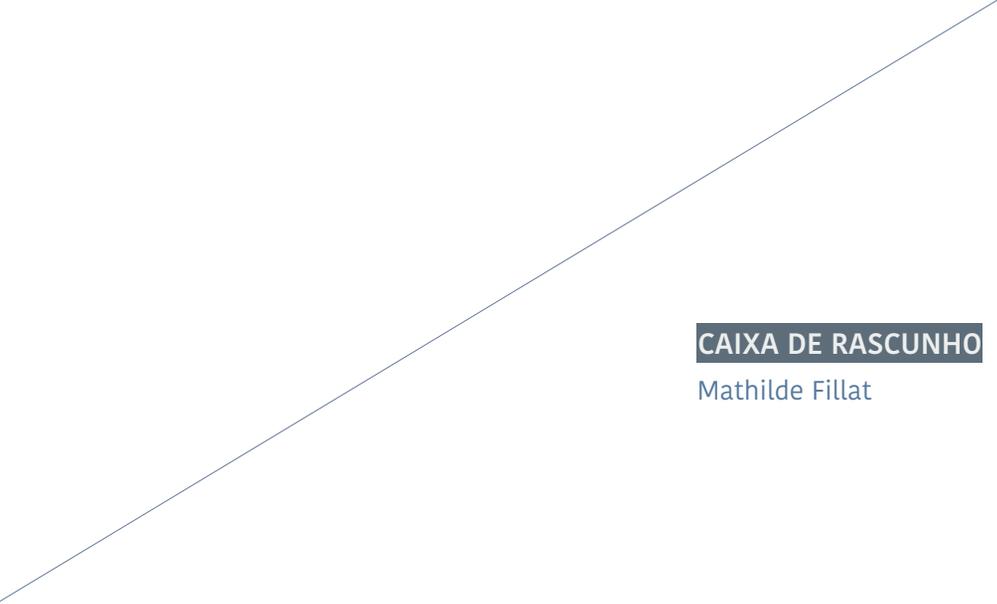


**O MOMENTO MAIS SAGRADO
NOS CONCERTOS**

Mariana Godoy



o momento mais sagrado nos concertos
se dá quando o pianista fecha os olhos
e começa a gemer notas
segurando uma fina baba nos dentes.
é quando consigo
da minha cadeira central
voltar para o seu corpo nu.



CAIXA DE RASCUNHO

Mathilde Fillat



Foram-se 3 dias
e 8 páginas de rascunho.
Me entrego em palavras
a você.

São necessárias tantas palavras?
Importa o interlocutor?

Deixo o e-mail na caixa de rascunho
sem destinatário,
medo de mandar por engano.

Acordo
faço um café
acendo um cigarro
abro a caixa de rascunho
preciso mudar a palavra, urgente:
hoje sou outra.

Corpo nu
mente confusa
mundo absurdo
mergulho em mim.

Afoguei morri e renasci,
inúmeras vezes.
Hoje morri de novo.
O corpo pára
a mente dispara

*
inércia
*

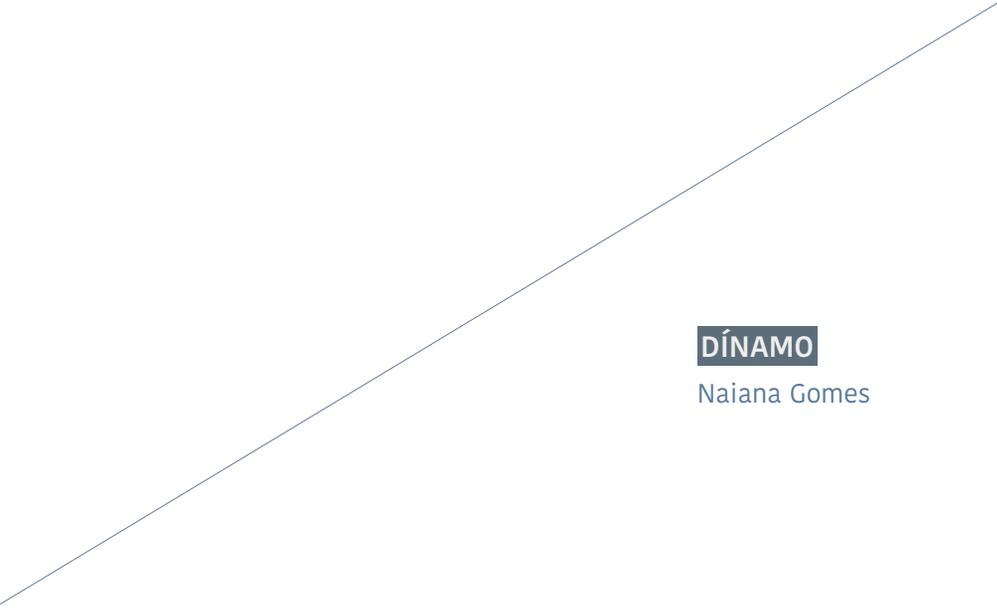
sem fome sede sono,
persiste o desejo.

Sei bem que na tempestade
alguma onda me levará à superfície.

Quero te amar e te esquecer
quero ser a minha paixão
quero ser meu próprio gozo.

No silêncio,
repensei mil vezes meus planos de vida,
sem você,
para ter a certeza de que
as palavras permanecerão

na caixa de rascunho.



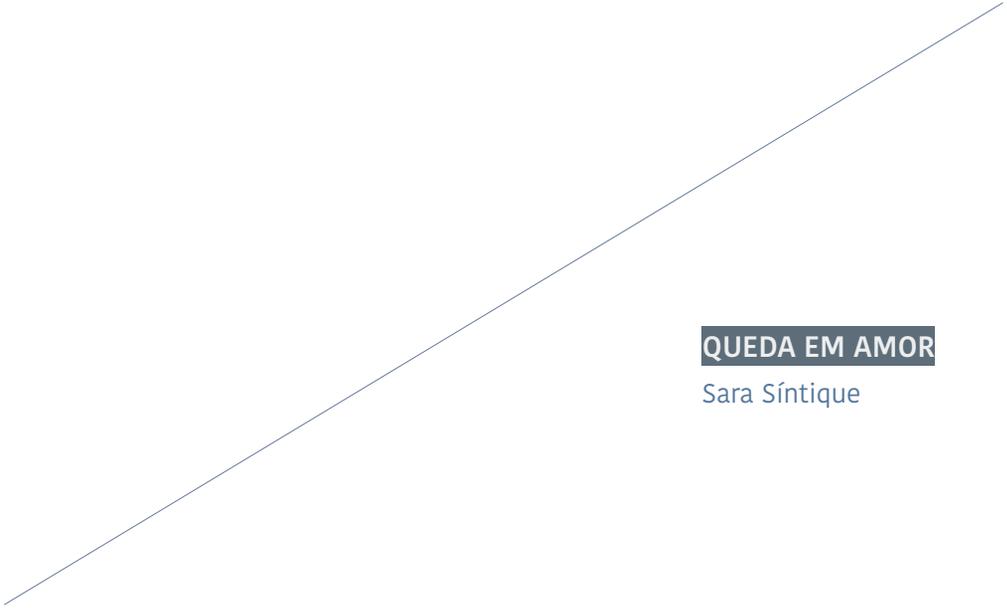
DÍNAMO

Naiana Gomes



you sob o sol
ao toque tão forte do sol
you que se move
veloz feito um cão um gato
um lagarto
um bicho alado
atravessando a cidade de skate aos trinta anos
um peixe preto e dourado
deslizando rio rua abaixo
enquanto lá do quintal este peito se expande
vê lá vem eu meu alvoroço
ondeando os panos nos varais
tão suavemente quanto
foguetes, peixe-espada, guitarra
rasgando o ar
e outra vez
o corpo todo no jogo
e uma vez mais
tomando fôlego
um balanço elevando-se
além das árvores
dos muros das torres dos edifícios comerciais
para alcançar o mar
tudo tão alto tão rápido
quase não percebemos
uma ligeira variação
entre as minhas as suas
coordenadas
uma fração de grau
partícula de luz
gota, grão
migalha
um quase nada
que nos afasta

um
do
outro
por inteiro
atravessados, entretanto, somos
de coisas muito pequenas
porém alarmantes
pólvora ou purpurina
tantas outras coisas vivas
besouros, nuvens, piabas, ranhuras
certezas mínimas
de que tudo pode mudar
existe o encontro e existe a distância
nesta manhã em que continuamos
nem sei como
mas continuamos
pelo mundo
e o mundo continua
uma grande confusão.



QUEDA EM AMOR

Sara Síntique



you fell you say

of a scaffold you say

sitting almost next to me tells the fall I try to fix
some trace of the remains of an impact of a body that
slides and erupts

how many meters? I don't know the information (I don't know
how to measure distances like in meters I've been with others
methods)

of a scaffold? (the fragile site is the world) the details
I hear already lost between your feet and the construction of
chico but it's not a good time for the song because you say
now the reason for this week in conjectures silences
of exceeding thought in the name of: and so

and for that I didn't answer my messages or any other
others all the bodies that fall break die one
for less others for a little more

and so: you think

but we save from talking in miracles it's the fall that
interests us

at eleven years I broke my arm and for two times I fell

buracos de construção daí passamos uns quantos minutos a tratar da infância uma lista que classificou das engraçadas às limites (tenho medo sempre sinto a vertigem foi por isso que no dia da trilha agarrei-me àquela árvore contra a violência das pedras do mar alguma segurança em torno de um corpo firme de raízes fincadas: isso não direi) e só depois ousou coragem de divagar na beleza de toda palavra proparoxítona ouvimos construção em voz alta você concorda restamos na beleza desse disco prometemos ouvi-lo inteiro juntos (das coisas que não fizemos até então)

é tarde massageio os pés embebecidos de arnica o cheiro toma a cama o quarto o gelado excedente a sensação na pele e me excita o pé esquerdo machucado ferido a encostar úmido o meio de minhas pernas mornas eu o esfrego contra o sexo uma fricção em delicadeza em demora traço círculos outras rotas

você respira

você respira

(desespero dos andaimes eu escrevera uma vez lembra dessa palavra-risco desse abismo eu disse) você respira (aqui tão perto) treme comigo o pé o corpo inteiro e digo sorrindo te proíbo qualquer queda gozamos desde o pé esquerdo machucado ferido te proíbo digo agora sem riso

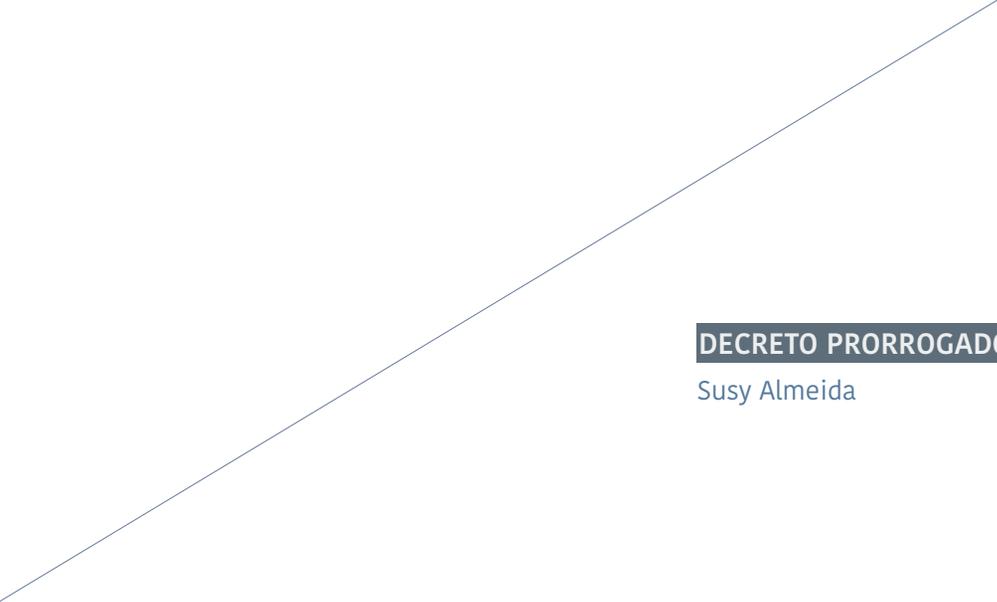
digo nunca mais e então me olha

e diz:

nós dois caímos

estamos sempre a

cair

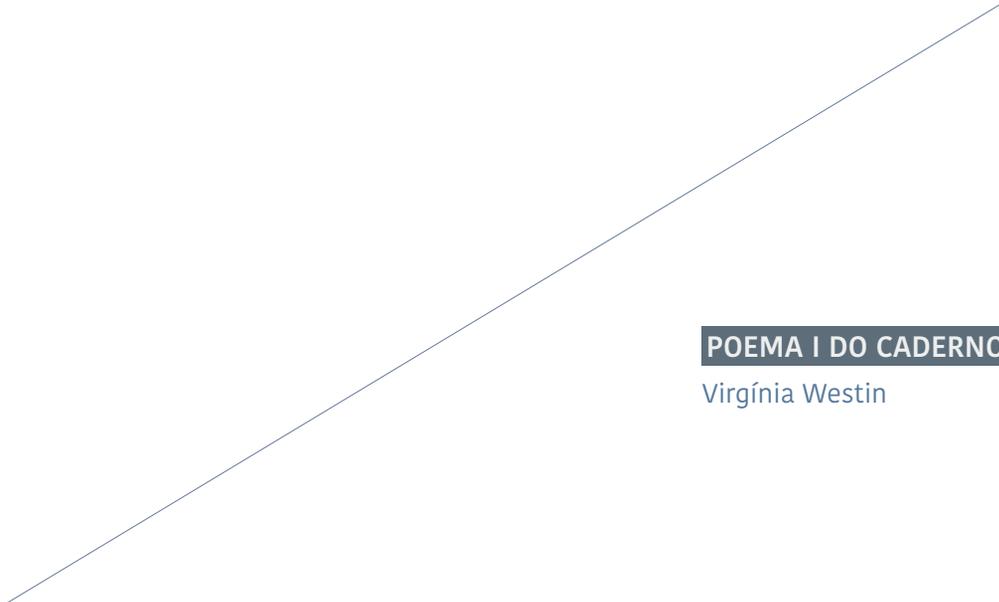


DECRETO PRORROGADO

Susy Almeida



teu gosto de mulher é
a saudade que minha
boca mais reclama



POEMA I DO CADERNO LAMENTOS

Virgínia Westin



Coça lá embaixo
E aqui dentro
Lá deve ser candidíase
Aqui, arrependimento.

Queria quarentenar morando com ele
Ser sua cúmplice e companheira
Mas isso eu já sou
Só não o sinto por inteira.

Ele falou de uma vida com a ex
Decorou o passado com brilho e avidez
Agora que lhe provei que sou normal
Ele a pinta de forma sobrenatural.

Uma amiga excepcional faleceu ontem
Meus pais cobraram o fim do meu luto
Me sinto acoada por ter tido
24 horas pra sofrer a dor do mundo.

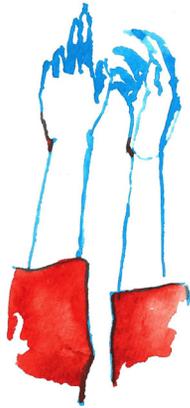
De raiva bati na minha cabeça mais cedo
Pra acalmar ouvi jazz e li o dia inteiro
Agora o panelaço da classe média ecoa
Nas janelas “genocida”, no quarto poema?

Queria poder estar diferente
Queria sorrir e escrever coisas melhores
Mas não há nada mais cru nessa poesia
Do que ela ser a melhor parte do meu dia.



CASA 1017

Viviane Amorim



tocar a campainha
apenas uma vez
—pra não incomodar os mortos—
ou acordar os vivos—
e te dizer rápido:
oi voltei
então te ouvir dizer amarga:
você não pode ir
e voltar
tantas vezes na minha vida

eu vou pensar
droga
queria ter dito isso
antes de ti
mas você não tocou minha campainha.



DETALHES

Yuri Marrocos



a boca bêbada
minha postura invertebrada na frente do espelho
anunciando o desgaste
e eu te caçando com minhas duas mãos devoradas

corro ao banheiro
porque tanta cerveja me dava
vontade de mijar

eu jamais seria capaz de me acomodar
com as eternas idas
em busca daquela coisa
que o amor nos dá e nos tira

dou descarga
ergo as calças e caem gotas de
mijo no meu pijama

eu não me importo porque
sou como um assalto a uma velha locomotiva
não. — minto —
sou a velha locomotiva
sendo assaltada
sem que
eu perceba
a ausência dos
meus
mínimos detalhes.

AUTORES

Cilene Lima é natural de Cachoeiras de Macacu, interior do RJ. Junto aos rios, pedras, árvores e outros seres animados, aprendeu as prosopopeias de Manoel de Barros. É, por formação, bióloga, professora de Educação Física, antropóloga e atua como pesquisadora. Escreve amadoramente, por isso, quase sempre, sobre o amor. Compartilha essa “sede infinita” com o Drummond.

Aline Kauana Cezar nasceu em Esteio, em 1994. Licencianda em dança, escreve e é artista visual. Expôs, em 2019, “CORPO-FOLHA”, no Salão de Arte Fundarte 10x10. Pesquisa pedagogia feminista na dança e as subversões do corpo-palavra. É mediadora na Galeria de Arte Loide Schwambach. @alinekauanacezar

Bárbara Costa Ribeiro nasceu em Macapá, em 1994. Mudou-se para Fortaleza em 2012, onde se encontra até hoje. Formou-se em Letras. Desenvolve, atualmente, pesquisa de doutorado em literatura, e gosta de receber cartas no endereço: costaribeirobarbara@gmail.com

Camila Geremía é uma viajante cósmica, leitora-amadora das poesias. Com o artesanato, seu primeiro e grande amor, vai construindo parte da sua vida cotidiana. Possui uma paixão pela fotografia nas horas vagas. Somando também assim, pequenos escritos corriqueiros. De nacionalidade argentina com o coração cearense, mora no sul do Brasil.

Cezar Tridapalli é escritor curitibano, formado em letras e mestre em Estudos Literários pela UFPR. É tradutor e romancista, autor de *Pequena biografia de desejos* (2011), *O beijo de Schiller* (2014 - vencedor do prêmio MG de Literatura) e de *Vertigem do chão* (2019). www.cezartridapalli.com.br

Diego Gregório é jornalista, trabalha com comunicação há uma década e acha que a arte pode salvar vidas. Escreve poesias e um dia vai ter coragem de dizer que é poeta.

Franck Santos é um homem comum, ilhado em São Luís, cidade esta que tem mar, porto, muitas histórias, sol e céu azul o ano inteiro, mas prefere dias nublados e chuvosos, uma casa no campo, vinho e blues.

Gabriel Aragão é compositor e músico na banda *Selvagens à Procura de Lei*. Escreve crônicas para o Jornal *O Povo* e publica poesia nas redes sociais. @gabrieloaragao <https://medium.com/@gabrieloaragao>

Iêda Carvalhêdo é professora de adolescentes, taróloga nas horas vagas e apaixonada por livros. Escreve poemas, contos, crônicas e literatura infantojuvenil.

Gabriel Mação, poeta, LGBT, graduando em bacharelado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Carioca, morador da zona norte do Rio de Janeiro, começou a escrever motivado pelo projeto literário Turista Aprendiz, realizado na Biblioteca Parque de Manguinhos. Suas primeiras publicações foram nas antologias “Do rio ao mar”, “Seis temas à procura de um poema” e “Tente entender o que tento dizer”. Gabriel é artista plástico, expressando-se também através de desenhos, pinturas e fotografias. gabrielartemacao@gmail.com @poemademim

Glória Diógenes. anos 70, pai austero, “moça direita não sai de casa” e um mundo de músicas e livros como companhia. o gosto de escrever iniciou-se ainda criança. diários e cartas enchem folhas de caderno. a sociologia chegou com a vontade das narrativas. pesquisar como quem senta na calçada e partilha vidas. professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, antropóloga urbana, glória é uma farejadora das artes de rua que riscam a cidade. criou há mais de 10 anos, o linhas ao vento, que resiste em suspenso. em tempos de pandemia a escrita é porto de sobrevivência, é sopro de liberdade.

Isabela Bosi é escritora, jornalista e doutoranda em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP). Nasceu no Rio de Janeiro, morou grande parte da vida em Fortaleza e, atualmente, vive em São Paulo. Autora dos livros *Bar do Anísio: casa de liberdades* (2013), *Quase* (2019) e *Sobre viver* (2019), além de uma série de vídeo-cartas, intervenções urbanas e textos publicados em antologias e revistas literárias.

Janaina Fellini é musicista, jornalista e cuidadora de úteros de outras mulheres pelo mundo. Colunista do programa *Na Ponta da Agulha*, vez ou outra, atravessa algum portal literário e, só então, escreve. Sagitariana, coleciona conchas, detesta frio, mora em Curitiba e de quando em quando sobe montanhas ou mergulha no mar. Balas de goma, primeiro as vermelhas, depois as cor de uva. Pratica yoga e diz sim, pelo menos uma vez ao dia.

Jean dos Anjos - artista, fotógrafo, antropólogo, pesquisador do laboratório de antropologia e imagem (LAI/UFC). Nascido e criado em Fortaleza. Vive olhando para o céu, escutando o mar e escrevendo sobre coisas da vida.

José Soares Neto é nascido em Fortaleza-CE, em 16 de março de 1984. É poeta antes de ser advogado. Publicou o livro *Ave Poesia* (2019). Foi selecionado para participar da Antologia Poética do II Festival de Poesia de Fortaleza. Sócio Fundador do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais. @josesoaresnet0 josesoaresneto.wordpress.com .

Kah Dantas é cearense, mestre em literatura e autora de *Boca de Cachorro Louco* (2016) e *Orgasmo Santo* (2020). Você pode entrar em contato e saber mais no @contakah no instagram.

Klausney Muniz. Estudante e aprendiz de escritor, é nômade no universo das histórias. Já morou entre letras, palavras, vírgulas e orações. De vez em quando, escala pontos de exclamação só para declarar lá de cima sua paixão pela literatura. Tem outros casos também: cinema, música, tickets de viagem, linguística e filosofia.

Lara Rovere. De redações do colégio a cartas encomendadas, destinadas a amores que nem eram seus, despertou para a escrita cedo e, desde então, segue escrevendo, vendo o mundo através do viés da poesia. Atualmente é sócia da *Engloba Comunicação*, empresa de marketing digital que fundou em 2012, jornalista freelancer, celebrante de casamentos, mãe da Luiza e de um bocado de texto - em especial do gênero crônica - paridos de parto natural.

Lara Ferreira Freire, brega. das brenha do sertão do ceará. me perdi por uns tempos no curso de letras. já foi cabeleireira, mas por tá mais pra conversadeira: andou se encontrando nas escrita. indo não muito além das urgências de dizer o que não pode ser falado, segue apenas escritora de diário. @freirelaraferreira

Juba (Lidiane Cordeiro). Inquieta por natureza, apegar-se a tudo que pode fazer por prazer, escreve, ama, cozinha, desenha, canta, pinta e borda. Bacharel em serviço social. Trabalhou com participação popular e populações específicas. Produção de eventos. É motorista. Acredita em mudanças que podem existir e nas pessoas que são capazes de movê-las, e sonha mais que vive.

Luís Matheus Brito (Aracaju, 1994) é poeta e artista visual. Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), é autor da plaquete *no que se seguiu* (autopublicação, 2019). <https://ensaiodemateriais.wordpress.com/>

Migu Cordeiro é do Porto, Portugal, e tem 29 anos. É uma manta de retalhos de ciência, educação, artes e gentes. Entre romances e linhas, vai absorvendo o mundo usando as palavras como amigas. @miguordeiro, <https://obrancoeascorestodas.wordpress.com>

Maria João nasceu no outono de 1993 e, desde que aprendeu a escrever, percebeu que é a melhor maneira de ter conversas difíceis. @mariajoaol

Mariana Godoy (1996) é atriz e autora do livro *O afogamento de Virginia Woolf* lançado pela Editora Patuá em setembro de 2019.

Mathilde Fillat é violinista francesa. Atualmente mora em São Paulo e é doutoranda em música na Unicamp, onde vem pesquisando o violino na música popular brasileira, nos âmbitos do ensino e da performance. É integrante da Orquestra Mundana Refugi que reuni músicos brasileiros, imigrantes e refugiados de diversas partes do mundo.

Naiana Gomes é jornalista, fotógrafa e produtora cultural. Trabalha com cooperativismo e em outras buscas das nossas potências transformadoras. Aprendeu algumas coisas com povos indígenas, artistas e crianças; colou lambes em muros altos; deu aulas de educação, pedalou por lugares que não conhecia. Escreve. Cartas, bilhetes, poemas, sonhos vão entre um gole d'água e outro lembrando que estamos cada vez mais perto de onde nunca estivemos e sempre nos faltarão palavras para alcançar. Escreve porque é preciso continuar buscando.

Virginia Westin. Devota às palavras, sensações e ideias. Fotógrafa, artista visual e criadora audiovisual. Formada em cinema pela UNILA; é pesquisadora latinoamericanista e marxista. Militante feminista e anticapitalista. Poeta com paixão, pois a poesia salva e a arte nos une. @vivivestin

Susy Almeida é fascinada pela ideia de que é a palavra, antes de tudo, que nos faz ser o que somos: gente. É mãe, mestre e doutora em Linguística, professora de português e alemão e escritora de poemas, contos, microcontos e crônicas, que publica em seu perfil no Instagram (@susyanne.ac) e no Bora Cronicar (@bora_cronicar). Publicou a zine pulsão (Editora Aliás, 2020).

Sara Síntique é escritora, atriz e professora. Autora dos livros *ÁGUA ou testamento lírico a dias escassos* (Ellenismos, 2019) e *Corpo Nulo* (Substância, 2015). Tem textos publicados na antologia *O olho de Lilith* (Ferina, 2019), na *CULT Antologia Poética n. 2* (REVISTA CULT, 2019) e em diversas revistas. É mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também se graduou em Letras Português – Francês. @sarasintique; sintiquee@gmail.com

Viviane Amorim, 23, nasceu perto do mar e foi viver entre rios. Traduz os fluxos internos escrevendo poemas e os externos desenhando mapas. Deságua suas produções no @amorvim

Yuri Marrocos é poeta, dramaturgo e artista visual no coletivo *Casa de Incêndio*. Está trabalhando na coletânea *O cu é a menor estrela* e no livro *Do amor e outros vermes*. @casadeincendio @marrocosyuri

